

Madrugadas de vidro

*Duas almas que se leram
antes mesmo de se tocarem*

Cicero Vitorino

Madrugadas de vidro

*Duas almas que se leram
antes mesmo de se tocarem*

Frôntis  Editorial
São Paulo/SP
2026

Copyright© 2026 Cicero Vitorino

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônicos, reprográficos etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - agosto de 2026

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

Agradecimentos

A você, que um dia era apenas uma estranha, mas se tornou uma das partes mais importantes desta jornada. Talvez você nunca compreenda completamente o impacto que teve na minha vida e nesta obra. Foi através das suas palavras, do seu cuidado, da sua paciência e do apoio que me ofereceu nos momentos mais difíceis, que encontrei forças para continuar escrevendo quando pensei em desistir. Você acreditou em mim quando nem eu conseguia acreditar. Me ouviu em silêncio, acolheu minhas inseguranças e iluminou caminhos que eu já não conseguia enxergar sozinho. Este livro também existe por sua causa. Em cada página há um pouco da coragem que você despertou em mim. Meu mais profundo e eterno agradecimento. Nunca esquecerei o que você fez por mim.

Dedicatória

Dedico este livro às pessoas que caminharam ao meu lado mesmo nos dias mais difíceis, quando os sonhos pareciam distantes e a esperança quase silenciosa. À minha família, que foi abrigo nos momentos de tempestade. Aos amigos que nunca deixaram minha mão solta. E a todos que, de alguma forma, transformaram minhas dores em força e meus silêncios em coragem para continuar.

Sumário

Agradecimentos	5
Dedicatória	7
Introdução	11
Capítulo 1	
O eco dos silêncios: existe amor depois das cicatrizes?	17
Capítulo 2	
O espelho partido: minha parte na frieza do adeus . . .	23
Capítulo 3	
O herói de casa: reencontrando a voz e o valor além do sustento	31
Capítulo 4	
Amor sem idade: a beleza das almas calejadas que florescem	39
Capítulo 5	
Coragem para o recomeço: quando o amor próprio exige um novo caminho.	45
Capítulo 6	
A teia invisível: como nossas escolhas tecem a melancolia.	51
Capítulo 7	
Castelos de cartas: o preço do orgulho e das influências tóxicas.	57

Capítulo 8	
O porto seguro: acolhendo a coragem de quem amamos	63
Capítulo 9	
O abraço das palavras: conectando almas através da escrita e da leitura	69
Capítulo 10	
Amor de entrelinhas: construindo um romance que valoriza a alma	75
Capítulo 11	
A melancolia do espelho: entendendo a dor de quem se perdeu	81
Capítulo 12	
Madrugadas de vidro: o triunfo de um novo amanhecer	87
Capítulo 13	
O novo final de Arthur e Heloísa	93
Sobre o autor	99

Introdução

Você já acordou em uma madrugada fria, quando o mundo lá fora ainda dorme sob o manto espesso da escuridão, e sentiu um vazio gélido se instalar bem no centro do peito? Não falo da solidão física — aquela que o silêncio do quarto escancara sem pedir licença —, mas da outra, mais profunda e silenciosa, que se manifesta mesmo quando há alguém dormindo ao seu lado. É a solidão da alma: a sensação de ser um estranho na própria vida, atravessando rotinas que perderam o sentido e carregando um peso invisível que ninguém parece enxergar.

Reconheço essa dor em muitos olhares, em conversas que se desfazem no ar e em pausas carregadas que dizem mais do que qualquer discussão aberta. É dessa dor — e da coragem silenciosa que nasce dela — que este livro sussurra. A vida adulta tem dessas armadilhas. Construimos castelos, erguemos pontes, abrimos mão de partes de nós mesmos e, de repente, percebemos que aquilo que julgávamos um alicerce firme era apenas areia instável. Esse cenário nos empurra para um beco emocional estreito, onde o medo da rejeição e da solidão na maturidade assume a forma de um perseguidor constante. “Será que, depois de um casamento

longo e infeliz, ou de relações que nos deixaram em pedaços, ainda existe espaço para um amor verdadeiro e leve?”

A pergunta ecoa como uma prece contida. E não é uma dúvida juvenil, nascida de corações intactos. É a voz de almas calejadas, que já assistiram ao sol se pôr e nascer incontáveis vezes, carregando cicatrizes que não pedem piedade — apenas reconhecimento. Conheço um homem — vamos chamá-lo de Arthur — que sentia exatamente essa vertigem. Caminhoneiro, homem de estrada, de mãos calejadas pelo volante e espírito cansado pelas madrugadas frias entre Americana e Campinas. Era o provedor, o esteio da casa, aquele que mantinha tudo funcionando. Ainda assim, dentro do próprio lar, sentia-se invisível, como um objeto esquecido num canto qualquer. A frieza do casamento havia se tornado uma camada de gelo tão espessa que mal lhe permitia respirar. Essa era sua rotina: o cheiro de diesel, a paisagem correndo veloz pela janela e o silêncio pesado do retorno para casa — um silêncio feito de ausências acumuladas. Arthur, porém, guardava um segredo. À noite, quando a casa adormecia e a solidão apertava, ele não buscava abrigo em fugas fáceis; buscava nas palavras. Sob um pseudônimo, escrevia versos, contos e pensamentos que expunham a própria alma, conectando-o a algo maior, cuja falta sentia como quem precisa de ar.

A história de Arthur funciona como um espelho. Reflete a dor de tantos homens que se dedicam ao trabalho e à família, mas se veem desvalorizados, com a voz abafada pela rotina e pelas expectativas alheias. Em silêncio, eles se perguntam: “Um homem que se tornou descartável dentro de casa pode reencontrar seu valor, sua voz, sua própria es-

sência?” Acredito, de forma sincera, que sim. E não se trata de aprender a falar mais alto, mas de redescobrir a própria melodia — aquela que o silêncio da estrada ajudava Arthur a ouvir. A vida, no entanto, raramente segue em linha reta; ela se enrosca, tropeça em si mesma. E os relacionamentos costumam ser seus nós mais apertados. Muitas vezes, a culpa e o senso de responsabilidade por uma relação que falhou se transformam em um fardo difícil de sustentar.

“Até que ponto sou responsável pela frieza do meu casamento? É possível que minhas escolhas e meu orgulho estejam afastando quem eu amo?” A pergunta insiste, e a resposta quase sempre dói. Na jornada de Arthur, sua esposa, Beatriz, trilhava um caminho paralelo de decisões que viraram armadilhas. Ela não era uma vilã de fábula, mas uma mulher complexa, moldada por medos e influenciada por amizades tóxicas que sussurravam veneno, distorcendo a realidade e corroendo o pouco afeto restante. A opinião alheia, o orgulho ferido e a busca por aparências ruíram o casamento e empurraram Beatriz para a depressão. Sua trajetória lembra que nem todo castelo cai por um terremoto externo; alguns desmoronam lentamente, tijolo por tijolo, corroídos por dentro pela vaidade e pelas más influências.

Para tornar esse tecido familiar ainda mais denso, surge uma verdade capaz de desestabilizar tudo. A filha do casal, Letícia, em plena construção de identidade, rompe o silêncio e revela sua homossexualidade. O anúncio escancara preconceitos e medos antigos, sobretudo em famílias de raízes tradicionais. “Como um pai ou uma mãe reage? A família se desfaz diante disso? Haverá acolhimento ou condenação?” A coragem de Letícia colide com a fragilidade

de uma estrutura já comprometida, expondo fissuras profundas. É nesse ponto que Arthur cresce: mesmo imerso no próprio caos, torna-se o porto seguro da filha, o pilar de uma aceitação incondicional. Ele ressignifica o papel de provedor, estendendo a proteção ao campo emocional e mostrando que o amor paterno, quando genuíno, funciona como escudo contra o mundo.

A vida, por mais que nos fracture, quase sempre deixa uma fresta. Foi nessa abertura, nas entrelinhas das próprias palavras, que Arthur encontrou uma conexão inesperada. Do outro lado da tela, em Campinas, Heloísa, mãe solo de 34 anos, com a alma marcada por relações passadas, dividia seu tempo entre os estudos e o filho. Assim como Arthur, carregava suas madrugadas em claro, seus receios e suas cicatrizes. Não procurava um príncipe encantado, mas algo verdadeiro, possível, humano. Ao ler os textos de Arthur — sem saber quem ele era —, Heloísa sentiu uma ressonância imediata. Nasceu ali uma ligação que ultrapassava distâncias e superficialidades, construída na admiração intelectual, no entendimento dos silêncios e na beleza contida das palavras que revelavam uma alma inteira.

O mercado literário está repleto de romances juvenis, de amores instantâneos e de finais felizes extraídos de contos de fadas. Mas onde ficam as almas calejadas? E aqueles que já viveram bastante, caíram, reergueram-se, amaram e perderam? Onde está o romance que valoriza a conexão intelectual, a troca de ideias e a leitura das entrelinhas antes mesmo de um toque? Essa é a lacuna que pedi licença para preencher. O amor maduro — aquele que floresce depois das tempestades — possui uma beleza singular e uma pro-

fundidade que só a experiência consegue esculpir. Não é um amor apressado, mas um vínculo que se constrói com paciência, respeito mútuo e aceitação das imperfeições do outro — e, sobretudo, das próprias.

Este livro não promete soluções fáceis para todas as dores. Nem toda dor desaparece; algumas apenas encontram um abrigo dentro de nós. Mas ele oferece algo mais raro: esperança. A esperança de um recomeço na maturidade, de que a escrita e a leitura podem servir como pontes para uma intimidade mais profunda, de que a aceitação familiar é possível e de que, mesmo depois de se sentir invisível, um homem pode reencontrar seu valor e sua voz. *Madrugadas de Vidro* é um convite. Um convite para mergulhar nas complexidades da alma humana, nas dores que nos moldam, nas escolhas que nos definem e na coragem que nos move em direção ao amanhecer, mesmo quando tudo parece escuro.

É a história de duas almas que se leram antes de se tocar, que se reconheceram nas entrelinhas da vida. É a confirmação de que existe amor depois das cicatrizes — um amor que não apaga o passado, mas o acolhe, transformando a fragilidade da noite em um novo horizonte. E eu, a cada palavra escrita, desejo que essa promessa encontre eco também no seu coração.